

O RECOPIADOR LIBERAL.

*A vil ambição do mandq presta auxilio á tyrannia, se deixa es-
cravar para dominar, entrega os Povos para participar dos seus
despójos, e renuncia a honra para obter dignidades e titulos.*

(RAYNAL.)

PORTO ALEGRE 1834: NA TYPOGRAPHIA DE V. F. DE ANDRADE. RUA DA BANTE.

INTERIOR.

Nas Monarchias despoticas, ou absolutas, aonde a tyrannia agrilhoa os mais recônditos pensamentos não é dado ao Cidadão tomar o menor interesse á prol da Causa publica. Neste estado de oppressão, e de miseria a maior parte do Povo ignorante, ou indifferente, inerte, ou habituado já ao freio dos Despotas vive contente com sua sorte, descansando á sombra da quieta servidão; o fogo da discordia não alimenta alli o incendio das facções; e quando algumas existão, são quasi sempre occultas, e formadas por descontentes corajosos, que á travéz de riscos, e perigos imminentes buscão seudir o jugo da escravidão: obrigadas á trabalhar com segredo, e cautela, á fim de não serem descobertas, e perseguidas, ellas não encontrão partido, que lhes faça opposição, ainda mesmo que a perfidia, ou outro qualquer incidente delate seus planos antes da explosão; porque nesse caso cessão immediatamente de existir, atenta a brevidade, com que os Tyrannos suffocão, e abafão o germen da conspiração. Não acontece outro tanto nos Governos mixtos, ou representativos: a existencia, e o choque dos partidos são alli essencialmente ligados á natureza, e forma de taes Governos. A liberdade de exprimir os pensamentos, e direito de intervir cada Cidadão nos negocios publicos, a inviolabilidade das pessoas, e propriedades, são outras tantas garantias, que dão alma, e vida á organização dos partidos. Movidos por diversos interesses, e paixões, mólla real do coração humano, já mais pôdem ser concordes todos os Cidadãos no modo de pensar acerca da sua felicidade; e porisso dividem-se em facções differentes, mais, ou menos numerosas; ou porque estas apresentem maior somma de utilidades, ou porque sejam mais conformes com as suas idéas, e inclinações. Desta variedade de pensar tomão sua origem todos esses partidos, que nos Países Constitucionaes, ou Republicanos, se chocão, e se batem sem piedade, e sem dar tregos á razão, que sempre existe na grande causa dos Povos. As aspirações do Poder, ou da Aristocracia sempre em contrariedade com o

bem da Nação sustêm uma luta vigorosa, e continua entre os sectarios de uns, e os defensores da outra. Se o Governo é Nacional declaro-lhe guerra aberta os titulares, os aulicos, os cortesãos, e os egoistas com toda a sua clientella; porque seus interesses são diametralmente oppostos aos interesses da Nação. Se o Governo deixa de ser Nacional, elles se convertem em seus mais ardentes campeões, e aduladores, apoiando-o, e defendendo-o. Nesta porfiada alternativa os homens honestos, e sensatos, inimigos naturaes da tyrannia, e da prepotencia, e almeçando sinceramente a ventura da Patria, collocão-se em posição hostil contra os pretendidos usurpadores dos direitos populares, quer sejam agentes do Poder, quer sejam sequazes da Aristocracia. Firmes nos seus principios, procurão todos exaltar o seu partido, desacreditando o contrario, e como nada disto se faz, sem mover-se a opinião publica, sendo a Imprensa Periódica o movimento mais poderoso para criá-la, e dirigil-a, lançaõ mão deste recurso os contendentes, e propagão suas doutrinas subversivas, ou utias, calumniando, ou convencendo á seus adversarios, segundo a equalidade da boa, ou má causa, que advogão. Depois de repetidos debates a maioria da Sociedade naturalmente se pronuncia a favor de um dos partidos; e então necessariamente tem de ceder-lhe os outros, porque aquelle passa á identificar-se com a vontade nacional, á qual se dá o nome de opinião publica, e verdadeira, ou falsa, segundo a rectidão, ou falsidade das idéas, que lhe são communs. Se esta maioria sente geralmente as verdades moraes, politicas, etc. relativas á seus direitos, e deveres, verdades, que a natureza dicta, e que a razão approva, verdadeira é a opinião; mas se, em vez destas verdades, abraça a nuvem por Juno, então deve chamar-se falsa. Quase nunca porem acontece ser falsa a opinião; porque das discussões politicas mantidas com calor por os varios partidos, resulta finalmente o conhecimento de verdades, que, conforme diz Helvecio não se percebem, nem se geraõ, senão na fermentação das opiniões contrarias; e em taes circumstancias é mui difficultoso, que despresando

BIBLIOTECA
GABRIEL PEREIRA BORGES FORTES

realidades, se deixe illudir por apparencias a maior parte do Corpo Social. Todavia, quando succede ser falsa a opiniao, de que se trata, (cousa, que raras vezes tem lugar) os partidos derrotados, ainda que debeis, e fracos, não desanimam na carreira encetada, argumentão, discutem mil vezes a materia, e persuadem finalmente com as armas da rasão, e do raciocinio. Mas quando elles empregão a intriga, a calumnia, e o sophisma para convencer á seus adversarios; quando não apontaõ factos para provar as accusações, verdadeira é sem duvida a opiniao dominante; porque a deficiencia de argumentos plausiveis em tal caso deve ser considerada como uma prova da má Causa, que querem sustentar. A vista de quanto temos dito o partido, que gosar da verdadeira opiniao publica triumphará sempre sobre os outros. E' isto, o que se verifica ultimamente no Brasil. Dois partidos oppositos se formaram debaixo das denominações de *Caramuru*, e *Moderado*. O primeiro composto de aristocratas, palacianos, aspirantes da corte, columnas, apóstolos, portuguezes, e adoptivos, pregava a restauração do duque de Bragança, como o unico meio de salvação publica, á fim de gosar exclusivamente a substancia dos povos no sanguinario reinado deste monstro. O segundo composto de sectarios da administração actual; mais conforme com os interesses, luses, e principios do século, não só desapprovava esta idéa, mas até combatia vigorosamente semelhante projecto. Identificou-se com este o partido *Exaltado*, oppositor do Governo, que até então existia só; e desta amalgama nasceu a Opinião Publica, que venceu, e supplantou a racção *restauradora*. Se da nossa parte está, ou não a verdade, e a justiça facilmente se conhece, lendo-se os Jornaes da seita contraria. Declamações vagas, e intempestivas, sarcasmos, injurias, personalidades, intrigas, e calumnias eis aqui os seus argumentos. Privados da rasão, com que nos devião convencer, elles fazem reviver agora o sasto em outros tempos incutido da insurreiçãõ dos escravos para reproduzir entre nós as scenas do Haity. Ora quem não percebe a grande differença, que ha entre o Brasil, e S. Domingos? Ahi havião quinhentos mil negros contra cincoenta mil brancos, e no Imperio, segundo a população mencionada em antigos cadastros, só um decimo de seus habitantes o são: excepto a Bahia, que tem um terço. Se tão pequeno pais era o numero de negros á uns poucos de annos á esta parte, como não será diminuto-agora, que a população branca tem crescido prodigiosamente; e o trafego da escravatura se acha abolido? Que receio podemos ter dessa limitada porção de barbaros Africanos iguaes aos escravos de Esparta, á quem a vista do açoute bastava para pôr em fuga? Entretanto são desta natureza os raciocinios dos nossos contendores, que na falta de rasões,

lançãõ mão da intriga para dividir-nos, enfraquecer-nos, e tornar assim menos difficil a restauração de seu *Senhor*. Circunstancias são estas, quando outras muitas não houvessem em nosso abono, que só de per si bastaõ para dar uma idéa do *Caramurismo*, e da justiça, com que a verdadeira opiniao publica reprova, e condemna as machinações de tão perfido partido. A conclusão geral pois do que temos dito acerca dos dois partidos *Caramuru* e *Moderado*; é que, tendo este ultimo da sua parte a rasão, e a força, colherá sempre os louros da victõria todas as vezes, em que sahir á campo a facção retrograda. Desenganam-se portanto os infames sectarios desta crença politica, que setis trabalhos são perdidos, porque a Nação não entrega jámais seus pulsos aos ferros oppressores do *Caracala* do Brasil, á quem somos devedores de todas essas calamidades, que ainda hoje sentimos.

LUZ SOBRE A VERDADEIRA IDÉA DA FEDERAÇÃO:

Os intrigantes *Coistas*, que temem a Federaçãõ pelas reformas que deve trazer, especialmente extinguindo alguns tributos, e modificando outros, e até aliviando o Brasil do peso de certos Empregados superfluos; os intrigantes digo, suspeitosos de que essas reformas irão bulir com os dinheiros que elles comem a tolinha, em prejuizo dos lavradores, negociantes, proprietarios de casas, artistas etc., andão a clamar, que a Federaçãõ é a ruina do Governo actual, e da Constituiçãõ ou Carta, que elles desejão conservar tal e qual pelo proveito que lhes dá; e porisso gritão, que — nada de Federaçãõ. — Ah! velhacos sem vergõõha! servis inimigos da Patria! Mas suas rasões e arengas são absurdas; e eu vou explicar a causa de uma maneira bem palpavel.

A Federaçãõ consiste em ficar o Rio de Janeiro feito a Provincia central, aõdo reside o nosso imperador, Chefe ou Presidente do poder executivo, (o nome é indifferente.) As Provincias devem ser consideradas como raios de um circulo, que vão ter ao dito centro, todas unidas formando uma só massa ao mesmo tempo que cada uma é raio, ou parte separada da outra a certos respeito: cada uma deve ter sua Assembléa Provincial, inviolavel e sagrada em suas opinioes, em vez de Conselho de Provincia com mordaca na bocca, o qual actualmente nada vale, pois é apenas um corpo deprecante humildemente (†); e cada Membro deve receber

(†) *Humildemente*. — Quanto ao Conselho do Governo, parece-me que é sem desnecessario havendo a Federaçãõ: supponho que devemos ter tres Secretarios: 1.º dos negocios da Provincia: 2.º dos negocios da Corte: 3.º dos negocios militares de mar e terra respectivos: estes podem ser consultados quando o Presidente precisar, e no caso

em ordenado, a saber, de seiscentos mil réis; e sendo os taes Deputados vinte e um, importão os ordenados em trinta e um mil crusados, e seiscentos mil réis. Ora já se deixa ver que neste caso não devem hir para a Assembléa Geral em Rio de Janeiro, mais do que seis Deputados, e por isso poupamos quarenta e dous mil crusados que gastarão os outros sete, os quaes mil crusados dos Deputados unidos aos seiscentos mil réis para ajuda de custo das viagens, que orço a dez mil crusados e duseentos mil réis, somma tudo, cincoenta e dous mil crusados e duseentos mil réis: isto é o que se poupa quanto aos Deputados. Vejamos os Senadores: basta que a Bahia de dous Senadores, que conforme a marcha ordinaria gastão dezoito mil crusados; e como evitamos trinta e seis mil crusados dos quatro Senadores que senão elegem, ajuntando esta quantia, poupamos oitenta e oito mil crusados, e duseentos mil réis; e tirando della dez mil crusados, para pagar a dous Secretarios, que se devem augmentar na Provincia Federada, restão liquidos setenta e oito mil crusados, e duseentos mil réis; salvo o erro. Eis a primeira vantagem da Federação pois diminuindo as despesas, é que podemos aliviar, o Povo de alguns tributos; por quanto o Povo não é burro de carga.

Estas Assembléas Provincias devem faser leis particulares, para hem das respectivas Provincias e mesmo em cada uma, devem ser eleitos os seus nacionaes, por serem os que mais sabem dellas; tambem em cada uma deve ser eleito o seu competente Presidente, os Magistrados, o Bispo ou Arcebispo, se a Provincia o puder manter, os Officiaes das Tropas, e Commandante Chefe Militar, sendo assim este ultimo só em tempo de paz; pois que no de guerra deve ser eleito pela Assembléa Geral, juntamente com os Ministros d'Estado na Capital. Advirta-se porem, que eu supponho, que nos basta uma Assembléa Geral de 70 Deputados, e 30 Senadores em

que se julgue embaracado poderá chamar um Conselho — ad hoc — de seis ou mais pessoas, que entendão da materia em questão; se o negocio for sobre fazenda, deve o Presidente chamar os sabedores da materia; se for de guerra, deve chamar militares; se for de commercio, deve chamar negociantes; se for de agricultura deve chamar lavradores; porque em verdade é cousa digna de riso, ter um Conselho fixo de homens, que poucos entendem de muitas materias. Todavia não pense alguém que nas circumstancias actuaes attaco o nosso Conselho de Governo, pois elle assim-mesmo é mui preciso, e deve ser conservado emquanto não temos Federação, para servir de freio aos Presidentes, e faser barreira aos artefactos do Ministerio: eu desejo que me saibão entender, desculpando as faltas que nascem do meu amor a Patria, etc. etc.

o Rio de Janeiro. Alem do que fica dito deve cada Provincia cuidar em poupar os seus dinheiros, e regular as Alfandegas, e os salarios de todos os Empregados; e evitar a remessa de saques de letras extraordinarias, que nos esgotão o nosso Erario; e tomar em consideração os tributos para aliviar o povo dos superfluos, sem comtudo faltar dinheiro, que satisfaça o que é restrictamente preciso, como a divida publica, o soçcorro razoavel das Provincias mais pobres, e a dõtação do nosso imperador, que deve ser reduzida, segundo a voz dos Patriotas mais prudentes, a cem mil crusados annuaes, emquanto menor, e a duseentos depois de adulto e coroado; durante a divida publica; e tudo isto é encaminhado á extincção de alguns tributos, e minoração de outros, pois não é a razão e justiça, arrancar dinheiros ao Povo para basofias tão perniciosas: tambem deve pertencer a cada Provincia cuidar no bom estado de suas fortificações e defesas, para se faser respeitar; e levar a effeito a responsabilidade de todos os Empregados publicos; por quanto a responsabilidade em o Rio de Janeiro parece mangação ao Povo, etc. etc.

Postas pois as Provincias neste estado Federal, devem dessecar pantanos, escoar riachos (††), faser pontes, como precisamos nós Bahianos em dous lugares do Rio de Joanes, que não é grande, e outras partes; construir chafarises, abrir e aperfeiçoar estradas, e dar nas sciencias, artes, e fabricas; e extinguir a moeda de cobre falso, dando-lhe peso maior, e resgatando a de mais sem lesar a ninguem, o que é pouco difficil, e finalmente pôr em pratica tudo quanto é conducente a nossa prosperidade, etc. etc.

Quanto á Assembléa Geral em o Rio de Janeiro, essa deve ter a seu cargo tratar da paz e da guerra, e dos tratados, e das disputas sobre limites das Provincias, e dos soccorros para as Provincias mais pobres, e do calculo de todos os rendimentos Nacionaes para o pagamento das dividas publicas, e talvez mais algum predicado, que me não occorre agora.

Em verdade a nossa Federação não é phantasmas do outro mundo: Os Suissos são Federados, os Alemães tambem o são, e os Estados-Unidos do Norte d'America achão-se no mesmo caso; sem querer allegar as innumeraveis Federações antigas dos Gregos, da Italia, da Germanja, e de quasi toda a Europa, antes de terem os povos cahidos na estupidez, que creou o Governo feudal: prompto parece-me que nós devemos ter

(††) Riachos. — Na Bahia precisamos abrir e dessecar ji e ji os riachos de Cambrogipe, Rio das Pedras e Rio Juguari, para aproveitarmos os seus alagadiços immensos, que devem dar incalculavel producção, isto fará pouca despesa, e muita abundancia na Bahia, e augmentará o valor das terras, etc. etc.

BIBLIOTECA
— DE —
GABRIEL PEREIRA BORGES FORTES

O RECOPIADOR LIBERAL

a reforma Federativa já, e legalmente em termos, para alivio dos nossos males e paz, união, e segurança contra as empresas dos infames restauradores inimigos da Patria; (ervado ferro lhes despedasse as entranhas); e finalmente para bem geral do Brasil inteiro. Isto é o que se pôde esplanarem uma Gazeta: o leitor não é tólo; e qualquer pôde entender mais do que dito fica.

Agora toquem de passagem nos inimigos da Federação, e assignemos os motivos segundo parece. — Os primeiros são alguns Presidentes, e outras pessoas de maior auctoridade, as quaes não querem reformas, a fim de conservarem ainda certos restos de poder arbitrario, sendo eleitos pelo patronato do Rio de Janeiro, se suppõe invulneraveis no estado actual; e que não passarão tambem se forem eleitos pelas suas Provincias, e se tiverem nellas a responsabilidade, etc. — os segundos são os ignorantes da lavoura (não fallo de todos) que desejão conservar privilegios, e obrarem muitas cousas más: — os terceiros são alguns militares de pouco juizo, que suspeitão não serem attendidos, quando a causa é as avéssas; e porisso suspirão pelo governo absoluto antigo, se é verdade o que se diz: — os quartos são os negociantes de escravos por contrabando, que se persuadem, não sei porque, andão favorecidos pelo governo por ordens occultas, conforme se rosna, e que não ficarão impunes com a Federação: — os quintos são alguns Juizes de paz, os quaes, possuindo a pouco um, ou dous escravos, hoje contaõ dez, ou doze por arte de Berliques, *emagicas Negras*: — os sextos são os compradores desses escravos com violação da Lei: persuadidos que com a Federação podem ser punidos, perdendo os escravos: — os setimos são os Empregados publicos filhos do patronato, que tem tido augmento de ordenados, por suspeitarem que haõ de ficar com menos dinheiro: — os oitavos são os falsos moedeiros, tanto os que cunhaõ na terra com o maior desavergonhamento, como os que o mandaõ vir cunhado dos Paizes Estrangeiros de sociedade com outros desalmados ladrões como elles: — os nonos são os marotos bestas (naõ offendo aos bons), os quaes temem que com a Federação cessem de introduzir mais marotada na terra para nos ameaçarem com armas, e dominarem todo o negocio, e faserem guerrilhas commerciaes, e perderem a esperança de darem cabo da nossa Independencia, auxiliando a restauração, pois ainda tem o atrevimento de esperarem o ex-tyranno Bragança, a fim de se vingarem de nós, e nos tratarem como Bodes, e Cairras, seus escravos, que nós sublevamos contra elles, nossos naturaes senhores: — os decimos são os que ainda unidos dependentes de qualquer dos referidos, e sem entenderem estas cousas ouvem os sofismas ridiculos, e sentaõ que no estado actual vamos bem, e que se deve esperar tudo do

tempo, etc. etc. Ora eu só a respeito piniões, que o leitor pôde desprezar se lhe não quadrarem, o que faço com efficacia, é bradar A'lerta! e viva Jesus.

[Sentinella do Barata.]

CORRESPONDENCIA

SS. RR. do Recopilador Liberal.

Bem estranha, sem duvida, nos tem parecido a doutrina do novo Periodico *Republicano*, seu nome nos dava esperanças de vermos em campo mais um Farroupilha debellando as falanges inimigas onde se alinhaõ os Restauradores Portugueses, e os Aristocratas; mas elle, seguindo uma vereda nova e estranha, apparece mais como conciliador, do que como adversario: disse, que Brasileiros, e Portugueses mutuamente se tem offendido, sem declarar de que parte esteve a aggressão, pondo em duvida a justiça Brasileira, e constituindo-se o *Las Casas* dos Portugueses, e lamentando a rivalidade, que se tem desenvolvido, declara, que a ambição dos Empregos promove esta desunião, que desgraçadamente já se vá estendendo aos filhos das outras Provincias, fazeo assim uma offensa aos sentimentos de seus Comprovincianos: chama arenga o negocio dos restauradores, como suppondo, que não acredita na existencia desse partido; porque arenga é uma razão capciosa, de que elle talvez suppõe que o Governo lançou mão para perseguir a seus inimigos. Isto nos tem feito persuadir que o Auctor, em quem julgamos muito patriotismo, não falla com seus verdadeiros sentimentos; porque tem uma razão particular, que nós ignoramos. Para nos tirar da duvida lhe rogamos, que sobre os pontos, que ferimos, nos dê esclarecimentos para podermos então, depois de o ouvir, firmar nosso juizo. Todas as outras doutrinas do Periodico nos agradão summamente, porque marchando com a opinião geral reclama medidas, que só pôdem fazer a ventura da Patria, ventura que sobre todos anheia o seu constante leitor — *O Duvidoso*.

VARIEDADES.

Belleza da Sentinella N. 384 de 21 de Fevereiro.

Desde esta venturosa epocha, (o Redactor refere-se á nossa Independencia) *houvesse* declamar contra a Aristocracia, e esses mesmos declamadores trasem o peito cuberto de *corações*; cabalão, intrigaõ para serem Regentes, Senadores, Deputados, Presidentes e quando não estão nesta linha de aspirantes; se são Empregados, pedem que se lhes dupliquem os ordenados: se não tem empregos os requerem, e se o Governo não lhes dá — tem o direito — de desistir-lhe, ou faser rusga, para desempossar algum Empregado *que seu emprego não tem outro apoio que a Lei*.

— Terça Feira sae o N. 4.º Republicano.

PORTO ALEGRE 1834: TYP. DE V. F. DE ANDRADE.

BIBLIOTECA

DE

GABRIEL PEREIRA BORGES FORTES